UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ • IFII • FAIN

VII Comunicação indígena

Povos indígenas e universidade: territorialidades e ancestralidades

11 e 12 de novembro de 2026 • Auditório Tapajós – Campus Tapajós

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS



VII ComunicAção Indígena

Caderno de Programação e Resumos

Santarém, 03 de novembro de 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VII ComunicAção Indígena: caderno de programação e resumos – povos indígenas e universidade: territorialidades e ancestralidades / Denize de Souza Carneiro (Org.); ilustração da capa de Levin Akay Munduruku. – 1. ed. – Santarém, PA: Ufopa, 2026.

43 p.: il.

Formato: PDF.

ISBN 978-65-02-48261-2 (e-book)

1. Povos indígenas – Pará. 2. Estudantes indígenas – Ensino superior. 3. Educação intercultural. 4. Territorialidade. 5. Ancestralidade. I. Carneiro, Denize de Souza (Org.). II. Munduruku, Levin Akay (Il.). III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural
Formação Acadêmica Indígena

REITORIA

Reitora

Profa. Dra. Aldenize Ruela Xavier

Vice-reitora

Profa. Dra. Solange Helena Ximenes Rocha

INSTITUTO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL – IFII

Diretor

Prof. Dr. Raimundo Valdomiro de Sousa

Vice-diretora

Profa. Dra. Sandra Maria Sousa da Silva

FORMAÇÃO ACADÊMICA INDÍGENA – FAIN

Coordenador

Maike Joel Vieira da Silva

Vice-coordenadora

Terezinha do Socorro Lira Pereira

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

COORDENAÇÃO

Denize de Souza Carneiro

Coordenadora

Terezinha do Socorro Lira Pereira

Vice-coordenadora

PROFESSORES ORGANIZADORES

Denize de Souza Carneiro
Fernanda Folster de Paula
Maike Joel Vieira da Silva

DISCENTES ORGANIZADORES

Adilson Kirixi Munduruku
Beíti Mekragnotire
Bilton Wakarima Wai Wai
Camila Lorena Castro dos Anjos
Daiandra Cardoso Godinho
Daniela Cristina Paulo da Silva
Edileide dos Santos Castro
Edinelson Wakya Wai Wai
Eloiza Arapiun
Fernanda Rocha Silva
Gelmy Isaque João
Iolandino Xayukuma Wai Wai
Isail de Jesus Karo Munduruku
Jackson Bentes
Jarley Wai Wai
Jean Musaku
Keline dos S. Passaranuk
Keyla Akai Munduruku
Laiza Kaba Munduruku
Levin Akay Munduruku
Marciely dos Reis Gomes
Maria Simone de Sousa Martins
Nicinildo Caitano Kaba Munduruku
Patricia Poxo Munduruku
Pedro Cohco Wai Wai
Peme Denise Tiriyo Kaxuyana
Raiana Sousa Ferreira
Rayla Taise Colares Amorim
Ruan Kwakwaiu Wai Wai
Sabrina Niiki Wai Wai
Silmara Akay Munduruku
Soraya Beatriz A. Wiui Munduruku
Sylvândria Samyles Reis dos Santos
Vívia Srallem Oliveira Silva
Walame Rayan Lopes Ferreira
Wesley Cardoso da Silva
Williams Clauber Marinho Santos

REALIZAÇÃO

Formação Acadêmica Indígena (FAIN) – IFII/UFOPA

APOIO

Pró-Reitoria de Gestão Estudantil – PROGES
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEN
Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão – PROCCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica – PROPPIT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

PROGRAMAÇÃO 9

1º DIA - 11 DE NOVEMBRO DE 2026 10

2º DIA - 12 DE NOVEMBRO DE 2026 11

FEIRA DO TROCA-TROCA 12

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES 13

EIXO 1 – TERRITÓRIO 14

AHTO SO NA KEHTOPO: TAPOTA YEKATIMTOPO KEHTOPO POKONO EWTO INAJÁ PONO "ONDE A VIDA ACONTECE: REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL DA ALDEIA INAJÁ" 15
Bilton Wakarima Wai Wai e *Senildo Tuhtu Wai Wai*

NARRATIVAS ORAIS E MEMÓRIAS DO POVO ARAPYUN 16
Daynara Dias da Silva; Jandirson F. Cardoso Castro; José Sarnei Silva Cardoso; Kamile V. Fernandes Sirotheau; Rislane de Sousa Silva; Romulo R. Ferreira dos Santos; Samuel de Sousa Martins e *Wallame R. Lopes Ferreira*

NO MESMO RIO, NA MESMA MARGEM: UM REGISTRO DE ENSEADA DO AMORIM E SÃO CAETANO, BAIXO TAPAJÓS 17
Mateus Oliveira da Cunha e *Sylvândria Samyles Reis dos Santos*

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO POVO MUNDURUKU 18
Doriel Kirixi Munduruku; Leandro Paigo Munduruku; Gelson Akay Munduruku e *Ireno Dace Munduruku*

A ASSOCIAÇÃO INDÍGENA PUSURU 19
Leusivan B. Kaba Munduruku; Raimundo Waro Munduruku; Ewerton Dace Munduruku; Leonardo Akay Munduruku e *Odair José Júnior Akay Munduruku*

ELABORAÇÃO PARTICIPATIVA DO PROTOCOLO DE CONSULTA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA DO TERRITÓRIO BRAGANÇA/MARITUBA, BELTERRA–PA 20
Elivelton Rocha Corrêa e *Deila Pinto Corrêa*

EIXO 2 – EDUCAÇÃO 21

EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA E SEUS DIREITOS 22
Narlene Akay Munduruku; Keyla Akai Munduruku e *Keri Muniz Batista*

IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NAS ALDEIAS CHAPÉU E MAHARAWANÏ 23
Jean Musaku e Peme Denise Tiriyó Kaxuyana

IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA IPAUPIXUNA 24
Taiane dos Santos Bezerra e Izawéllith Guimarães Mota

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ESTUDANTES BILÍNGUES DA FAIN 25
Kátia Maysa Soares Costa e Marciely dos Reis Gomes

SER MÃE E ESTUDANTE INDÍGENA NA UFOPA: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA 26
Laiza Kaba Munduruku; Silmara Akay Munduruku e *Soraya B. A. Wiui Munduruku*

EIXO 3 – SAÚDE E BEM-ESTAR 27

SAÚDE BUCAL NA INFÂNCIA: AÇÃO EDUCATIVA COM AS CRIANÇAS DA ESCOLA INDÍGENA KURASY KATU, ALDEIA PINHÉL..... 28
Wesley Cardoso da Silva

SABORES MUNDURUKU 29
Dalva Kirixi Munduruku; Erenildo Boro Munduruku e *Luciane Saw Munduruku*

POSUG WUYBABIM AT MUNDURUKU "REMÉDIO TRADICIONAL MUNDURUKU" 30
Feliciano Junior Akay; Adailton Akay Munduruku; Josimar Kirixi Munduruku e *Cidomar Kaba*

PERSPECTIVAS ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES INDÍGENAS 31
Camila L. C. dos Anjos; Edileide dos S. Castro; Raiana S. Ferreira e *Eloiza M. C. Nascimento*

EIXO 4 – SABERES TRADICIONAIS 32

WAYWÎ POTURU (KMARAWETÎ/OKOMKÎRÎSSÎ) WAI WAI "PONTA DE FLECHA WAI WAI" 33
Júnior Kumina Wai Wai

CANTANDO A NOSSA CULTURA: A CONSTRUÇÃO DE UM CLIPE MUSICAL 34
Diemeson Andrei C. dos Santos; Marcos dos Santos Silva; Marcos Aurélio de Oliveira; Odailson dos A. da Silva; Rayla Taise C. Amorim e *Samuel S. Gentil*

GRAFISMO DO POVO JARAKÍ..... 35
Daniela C. Paulo da Silva; Marcos S. da Silva e *Armstron C. Oliveira*

VALORIZAÇÃO DO GRAFISMO MUNDURUKU DO PLANALTO: UMA EXPERIÊNCIA NA ALDEIA IPAUPIXUNA..... 36
Fernanda Rocha Silva

GRAFISMOS CORPORAIS MUNDURUKU MAIS USADOS EM NOSSAS ALDEIAS 37
Adilson Kirixi Munduruku e João Kaba Munduruku

KWYRYKANGO: UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO RITUAL DA FESTA DA MANDIOCA 38
Beíti Mekragnotire

WUYŌHŌ PUCAMʔAT “NOSSOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO” 39
Isail de Jesus Karo Munduruku e *Isaque Karo Munduruku*

HERANÇA QUE SE USA NO CORPO: BIOJOIAS NO JUÁ, SANTARÉM-PA.. 40
Thaís de Sousa Farias e *Vívia Srallem Oliveira Silva*

O TRANÇADO DE PAULO CAETANO KABA, ARTESÃO MUNDURUKU..... 41
Adriele Caetano Kaba Munduruku

APRESENTAÇÃO

Organizado pela Formação Acadêmica Indígena (FAIN)[1], antiga Formação Básica Indígena (FBI), o *ComunicAção Indígena* é um evento acadêmico anual que busca promover espaços de compartilhamento de experiências de ensino, pesquisa e extensão junto à comunidade universitária da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) e ao público em geral, dando visibilidade ao protagonismo e ao potencial acadêmico dos estudantes indígenas no Ensino Superior.

O evento nasceu para divulgar os trabalhos produzidos pelos estudantes da formação e para proporcionar o compartilhamento das experiências vividas pelos indígenas no início da vida acadêmica. Nele se completa um percurso que começa em sala de aula: os estudantes identificam problemas e demandas de seus territórios, dialogam com lideranças, professores, pajés, agentes de saúde e outros conhecedores de suas comunidades e elaboram projetos de ação ou projetos de pesquisa, geralmente com características de levantamento. Nas férias do meio do ano, voltam às aldeias para realizar as atividades junto com os comunitários, em um momento de aprendizado mútuo, que traz à tona uma série de saberes e fazeres. De volta à universidade, sistematizam a experiência por escrito e a apresentam em uma comunicação oral no *ComunicAção Indígena*. Torna-se concreto, assim, o ciclo universidade-comunidade-universidade, que aproxima a academia das aldeias e as aldeias da academia.

O *VII ComunicAção Indígena* acontece nos dias 11 e 12 de novembro de 2026, no Auditório Tapajós do Campus Tapajós da Ufopa, em Santarém/PA, com o tema *"Povos indígenas e universidade: territorialidades e ancestralidades"*. Esta sétima edição tem como propósito divulgar e refletir sobre a produção

[1] A FAIN, antes denominada Formação Básica Indígena (FBI), é um instrumento da Política de Ação Afirmativa da Ufopa, iniciado em 2016 e hoje ofertado pelo Instituto de Formação Interdisciplinar e Intercultural (IFII). Trata-se de uma formação inicial, realizada antes das disciplinas do curso de graduação, voltada aos estudantes indígenas que ingressam pelo PSEI. Tem como objetivo minimizar problemas que esses estudantes enfrentam na graduação, como evasão, reprovação, conflitos socioculturais, racismo institucional, barreira linguística e dificuldades no uso de ferramentas digitais e trabalhar a autonomia intelectual dos discentes, por meio da oferta de conteúdos de Matemática, Língua Portuguesa, Antropologia, Direito, Tecnologias e outros.

acadêmica dos indígenas que ingressaram na Ufopa pelo Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) e cursam a FAIN em 2026. Ao longo do ano, esses estudantes desenvolveram uma série de ações em suas aldeias, na perspectiva da pesquisa-ação e da pesquisa participante, fruto de uma experiência que os professores que atuam na formação vêm construindo há alguns anos. São essas experiências que serão compartilhadas no evento.

Além das comunicações dos estudantes, a programação reúne a apresentação dos povos, a mesa de abertura, o lançamento de três livros de autoria indígena produzidos no âmbito da FAIN – "*Nós por nós: histórias de nossas aldeias*", "*Encantaria: a floresta, o rio e o que não se explica*" e "*Paneiro: entrelaçando saberes entre aldeias e universidade*" – e a Feira do Troca-Troca, um espaço de partilha de saberes, artesanatos, ornamentos corporais e outros objetos entre os participantes.

O público-alvo do evento inclui a comunidade acadêmica da Ufopa, outras instituições de Ensino Superior, profissionais das redes pública e particular de ensino, estudantes de graduação e de pós-graduação e o público em geral.

Este caderno reúne a programação completa do evento, as informações sobre a Feira do Troca-Troca e os resumos das comunicações dos estudantes. Desejamos a todos um ótimo evento!

A coordenação do evento

VII Comunicação indígena

PROGRAMAÇÃO

11 e 12 de novembro de 2026

1º DIA: 11 DE NOVEMBRO DE 2026
quarta-feira

Local: Auditório Tapajós – Campus Tapajós, Ufopa – Santarém/PA

HORÁRIO	ATIVIDADE	APRESENTADORES
7h30 às 8h30	**Credenciamento** • Entrada do Auditório Tapajós • Traços de pintura corporal para os participantes que desejarem	*Camila Tapuia*
8h30 às 9h00	**Apresentação dos povos para início do evento** • Iranildo (Wai Wai) • Gelmy e Maicon (Tikuna) • Herivelton Kaba (Munduruku) • Beíti (Kayapó) • Jackson (Tupinambá) • Samuel (Arapyun) e Simone (Arapyun)	
9h00 às 10h30	**Mesa de abertura**	*Jean Kaxuyana*
	INTERVALO – MERENDA	
10h30 às 12h00	**Lançamento dos livros de autoria indígena produzidos no âmbito da FAIN** • **Nós por nós** – Keyla Munduruku e Jean Kaxuyana • **Encantaria** – Vívia Borari • **Paneiro** – Raiana Arara Vermelha e Adilson Munduruku	*Camilla Tapuia*
	INTERVALO – ALMOÇO (RU)	
14h00 às 15h00	**Rodada 1 de comunicações** *Eixo 1 – Território (parte 1)* • 4 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Rayla Kumaruara*
15h00 às 16h00	**Feira do Troca-Troca** • *Veja como participar na página seguinte*	—
	INTERVALO – MERENDA	
16h30 às 17h10	**Rodada 2 de comunicações** *Eixo 1 – Território (parte 2)* • 2 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Isail Munduruku*

2º DIA • 12 DE NOVEMBRO DE 2026
quinta-feira

Local: Auditório Tapajós – Campus Tapajós, Ufopa – Santarém/PA

HORÁRIO	ATIVIDADE	APRESENTADORES
8h30 às 9h40	**Rodada 3 de comunicações** *Eixo 2 – Educação* • 5 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Samuel Arapyun*
	INTERVALO – MERENDA	
10h00 às 11h00	**Rodada 4 de comunicações** *Eixo 3 – Saúde e bem-estar* • 4 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Soraya Munduruku*
	INTERVALO – ALMOÇO (RU)	
14h00 às 15h00	**Rodada 5 de comunicações** *Eixo 4 – Saberes tradicionais (parte 1)* • 5 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Beíti Kayapó*
	INTERVALO – MERENDA	
16h30 às 17h20	**Rodada 6 de comunicações** *Eixo 4 – Saberes tradicionais (parte 2)* • 4 comunicações de 10 minutos e perguntas	*Keyla Munduruku*
17h30 às 18h30	**Encerramento do evento** • Impressões dos participantes: *Que tal? Que pena! Que bom!*	—

FEIRA DO TROCA-TROCA

11 de novembro de 2026 (quarta-feira) - 15h às 16h

A Feira do Troca-Troca traz para o VII ComunicAção Indígena uma prática presente na vida de muitos povos indígenas e comunidades amazônicas: compartilhar, trocar e fazer circular saberes, alimentos, sementes, artesanatos e outros objetos. A troca também marca os encontros entre diferentes povos, como acontece nas feiras e nos intercâmbios de sementes tradicionais.

Por isso, a Feira não é uma atividade de venda: é um espaço de convivência, interação e partilha entre os participantes. A ideia é que cada pessoa traga um pouco do que tem e leve consigo algo que recebeu de outra pessoa, fortalecendo os encontros e as relações que o evento proporciona.

Responsáveis: Daniela (líder), Fernanda, Sylvândria e Narlene.

Informações: Daniela – (93) 98103-1759; Sylvândria – (93) 99142-9993.

O que posso trazer para trocar?

- Objetos que você tenha e não use mais, desde que estejam em bom estado;
- Peças artesanais, como colares, pulseiras, bolsas e ornamentos;
- Livros e roupas;
- Outros objetos que possam ser trocados.

Um exemplo de troca indígena

Na reportagem "Troca de sementes, para indígenas, significa também resgate de rituais" (De Olho nos Ruralistas, 10 out. 2016), o fotógrafo Renato Soares conta como foi uma feira de troca de sementes na Terra Indígena Kayapó, em São Félix do Xingu (PA), e mostra que trocar sementes também é recuperar os rituais ligados a elas.

Acesse:
https://deolhonosruralistas.com.br/2016/10/10/troca-de-sementes-para-indigenas-significa-tambem-resgate-de-rituais/

Aponte a câmera do celular

VII Comunicação indígena

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES

Povos indígenas e universidade:
territorialidades e ancestralidades

EIXO 1

TERRITÓRIO

RODADAS DE COMUNICAÇÕES

Cada comunicação tem até 10 minutos.
As perguntas acontecem no final de cada rodada.

Rodada 1: 11/11 (quarta-feira) - 14h00 às 15h00		
14h00	Onde a vida acontece: registro da aldeia Inajá	*Bilton e Senildo Wai Wai*
14h10	Narrativas orais e memórias do povo Arapyun	*Daynara, Jandirson, José Sarnei, Kamile, Rislane, Romulo, Samuel e Wallame*
14h20	No mesmo rio, na mesma margem: Enseada do Amorim e São Caetano	*Mateus e Sylvândria*
14h30	Organização social do povo Munduruku	*Doriel, Leandro, Gelson e Ireno*
14h40	**Perguntas e debate**	
Rodada 2: 11/11 (quarta-feira) - 16h30 às 17h10		
16h30	A Associação Indígena Pusuru	*Leusivan, Raimundo, Ewerton, Leonardo e Odair*
16h40	Protocolo de consulta do território Bragança/Marituba	*Elivelton e Deila*
16h50	**Perguntas e debate**	

AHTO SO NA KEHTOPO: TAPOTA YEKATIMTOPO KEHTOPO POKONO EWTO INAJÁ PONO "ONDE A VIDA ACONTECE: REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL DA ALDEIA INAJÁ"

Bilton Wakarima Wai Wai[2]
Senildo Tuhtu Wai Wai[3]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[4]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos os resultados do projeto "Onde a vida acontece: registro histórico e cultural da aldeia Inajá", desenvolvido na Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). A aldeia Inajá fica na Terra Indígena Nhamundá/Mapuera, na margem esquerda do rio Mapuera, e foi fundada em 1999. Nela vivem cerca de 265 pessoas dos povos Wai Wai, Hixkaryana, Xerew e Mawayana. O objetivo foi registrar, com textos e fotografias, os espaços que fazem parte do cotidiano da aldeia, pois ainda existem poucos registros sobre a nossa comunidade feitos por nós mesmos. Em julho de 2026, durante três dias, conversamos com familiares, moradores e com o cacique Marciano Kaywere Wai Wai e fotografamos a aldeia a partir de cinco eixos: onde trabalhamos (roça, pesca, caça e artesanato); onde aprendemos (a escola, que funciona na casa grande); onde cuidamos da saúde (o posto de saúde e as plantas medicinais indicadas pelos mais velhos); onde oramos (a igreja); e onde nos divertimos e nos encontramos (o campo de futebol, a casa grande, o rio e a praia). O trabalho mostrou a importância dos conhecimentos dos mais velhos para ensinar as novas gerações e nos fez perceber que podemos contar a nossa história com o nosso próprio olhar.

PALAVRAS-CHAVE: povo Wai Wai; aldeia Inajá; território; memória; registro fotográfico.

[2] Graduando do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental (ICTA) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: biltonwaiwai84@gmail.com.
[3] Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: senildowaiwai@gmail.com.
[4] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

NARRATIVAS ORAIS E MEMÓRIAS DO POVO ARAPYUN

Daynara Dias da Silva[5]; Jandirson F. Cardoso Castro[6]
José Sarnei Silva Cardoso[7]; Kamile V. Fernandes Sirotheau[8]
Rislane de Sousa Silva[9]; Romulo R. Ferreira dos Santos[10]
Samuel de Sousa Martins[11]; Wallame R. Lopes Ferreira[12]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados parciais do projeto "Narrativas orais e memórias do povo Arapyun", desenvolvido na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O projeto tem como objetivo registrar e divulgar a história do povo Arapyun a partir das narrativas orais de seus comunitários, para contribuir com a preservação dessa memória e com sua transmissão às novas gerações. Como as aldeias Arapyun estão situadas nas margens direita e esquerda do rio Arapiuns, no oeste do Pará, a pesquisa foi organizada em etapas. A primeira etapa foi realizada na aldeia Arapyun-Vila Franca, por meio de entrevistas com comunitários e do registro de fotografias e vídeos da aldeia. A principal dificuldade enfrentada foi o deslocamento até o território, custeado pelos próprios discentes. Apesar disso, foi possível reunir relatos e imagens que deram origem a um minidocumentário, apresentado nesta comunicação como resultado preliminar. Na próxima etapa, a pesquisa será estendida a outras aldeias do povo Arapyun, e o material reunido será organizado em um livro, para que essas histórias não permaneçam apenas na memória, mas também em registro escrito, acessível às comunidades e à universidade.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas orais; memória; povo Arapyun; aldeia Vila Franca.

[5] Acadêmica de Agronomia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: daynarasilvadias2024@gmail.com.
[6] Acadêmico do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Terra na Ufopa. E-mail: jandirsoncastro@gmail.com.
[7] Acadêmico de História na Ufopa. E-mail: cardososarneicardoso@gmail.com.
[8] Acadêmica de Biotecnologia na Ufopa. E-mail: kamille230508@gmail.com.
[9] Acadêmica de Ciências Biológicas na Ufopa. E-mail: rislanes61@gmail.com.
[10] Acadêmico de Engenharia de Pesca na Ufopa. E-mail: castroromulo865@gmail.com.
[11] Acadêmico do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências da Terra na Ufopa. E-mail: desousamartinssamuel@gmail.com.
[12] Acadêmica de Engenharia de Pesca, na Ufopa. E-mail: rayanarapiun@gmail.com.

NO MESMO RIO, NA MESMA MARGEM: UM REGISTRO DE ENSEADA DO AMORIM E SÃO CAETANO, BAIXO TAPAJÓS

Mateus Oliveira da Cunha[13]
Sylvândria Samyles Reis dos Santos[14]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[15]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados do projeto "Território, memória e reexistência: a história das aldeias São Caetano e Enseada do Amorim", desenvolvido na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O projeto tem como objetivo registrar por escrito a história de duas aldeias do povo Tupinambá situadas na margem esquerda do rio Tapajós, município de Santarém (PA). A pesquisa reuniu uma entrevista com Leudison Almeida dos Santos, morador e ex-cacique de Enseada do Amorim, relatos de moradores de São Caetano e leituras sobre a emergência étnica no Baixo Tapajós. Os resultados mostram que Enseada do Amorim surgiu por volta de 1953, formada por famílias que estavam refugiadas no rio Amorim desde a época da Cabanagem, e que São Caetano nasceu como um bairro dessa comunidade e depois se tornou aldeia. Em 26 de junho de 2016, as duas realizaram, no mesmo dia, as suas assembleias de afirmação indígena: Enseada do Amorim pela manhã e São Caetano à tarde. Em ambas, a luta pela escola marcou a organização comunitária. O material deu origem a um capítulo de livro, entendido como um registro inicial, a ser ampliado com os conhecimentos dos mais velhos das duas aldeias.

PALAVRAS-CHAVE: povo Tupinambá; Enseada do Amorim; São Caetano; memória.

[13] Indígena do povo Tupinambá, da aldeia São Caetano. Graduando em Engenharia Mecânica, no Instituto de Engenharia e Geociências da Universidade Federal do Oeste do Pará.
[14] Indígena do povo Tupinambá, da aldeia Enseada do Amorim. Graduanda em Engenharia Sanitária e Ambiental/ICTA, na UFOPA.
[15] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO POVO MUNDURUKU

Doriel Kirixi Munduruku[16]
Leandro Paigo Munduruku[17]
Gelson Akay Munduruku[18]
Ireno Dace Munduruku[19]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[20]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados do projeto "Organização social do povo Munduruku", desenvolvido na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O projeto teve como objetivo analisar a organização social do povo Munduruku na Terra Indígena Munduruku e sua importância para a preservação cultural. As aldeias do povo Munduruku estão situadas às margens do Alto rio Tapajós, no oeste do Pará. A pesquisa foi realizada na aldeia Jacarezinho, município de Jacareacanga, por meio de entrevistas com comunitários, registros fotográficos e vídeos. A principal dificuldade encontrada foi o deslocamento até o território, custeado pelos próprios discentes. Apesar disso, foi possível reunir relatos e imagens que deram origem a uma apresentação de slides, utilizada nesta comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Terra Indígena Munduruku; Alto Tapajós; Clã Vermelho; Clã Branco.

[16] Graduando do curso de Geografia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: dorielkiriximdk@gmail.com.
[17] Graduando do curso de Gestão Ambiental (ICTA) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: leandropaigo@gmail.com.
[18] Graduando do curso de Física (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: gelsonakay1@gmail.com.
[19] Graduando do curso de Antropologia (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: mundurukuireno@gmail.com.
[20] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

A ASSOCIAÇÃO INDÍGENA PUSURU

Leusivan Bonifácio Kaba Munduruku[21]
Raimundo Waro Munduruku[22]
Ewerton Dace Munduruku[23]
Leonardo Akay Munduruku[24]
Odair José Júnior Akay Munduruku[25]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[26]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida ao longo de 2026 a respeito da história e da importância da Associação *Pusuru*, localizada na Terra Indígena Munduruku, município de Jacareacanga-PA. A comunicação trata da importância da organização da Associação *Pusuru*, com o objetivo de divulgar a história e a luta da associação e também de mostrar como acontece a representação dos povos indígenas do Alto Tapajós. A comunicação será feita com auxílio de apresentação de slides.

PALAVRAS-CHAVE: Terra Indígena Munduruku; Jacareacanga; representação.

[21] Graduando do curso de Direito (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: leusivanbonifacio@gmail.com.
[22] Graduando do curso de Letras – Português (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: raimundowaromunduruku286@gmail.com.
[23] Graduando do curso de História (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: ewertonaceewerton@gmail.com.
[24] Graduando do curso de Engenharia Civil (CITB) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: leonardoakay18@gmail.com.
[25] Graduando do curso de Administração (CALE) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: akaijunior715@gmail.com.
[26] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

ELABORAÇÃO PARTICIPATIVA DO PROTOCOLO DE CONSULTA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA DO TERRITÓRIO BRAGANÇA/MARITUBA, BELTERRA–PA

Elivelton Rocha Corrêa[27]
Deila Pinto Corrêa[28]
Orientador: Raimundo Abimael F. dos Santos[29]

RESUMO: Esta comunicação apresenta uma proposta de projeto que parte da necessidade de fortalecer os processos próprios de decisão do povo Munduruku do território Bragança/Marituba, localizado no município de Belterra, Pará, diante das pressões e intervenções externas que podem afetar o modo de vida, a organização social e o território. O objetivo é elaborar, de forma participativa, uma cartilha sobre o Protocolo de Consulta Livre, Prévia e Informada (CLPI), a partir das formas próprias de organização e tomada de decisão das aldeias Bragança e Marituba. A proposta fundamenta-se na Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na Constituição Federal de 1988 e nas contribuições de Silva (2018), Amado (2020), Brito (2023), Freire (2019), Santos (2006) e outros autores. A metodologia será qualitativa e participativa, com mobilização das lideranças, diagnóstico, oficinas, rodas de conversa, sistematização das informações, elaboração e validação coletiva da cartilha. Espera-se produzir um instrumento acessível que contribua para o conhecimento dos direitos, o fortalecimento da autonomia e a definição das formas de consulta do território diante de medidas que possam afetá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Consulta Livre, Prévia e Informada; povo Munduruku; território Bragança/Marituba; autonomia; direitos indígenas.

[27] Indígena do povo Munduruku. Graduando do curso de Bacharelado em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: eliveltoncorrea2022@gmail.com.
[28] Indígena do povo Munduruku. Graduanda do curso de Gestão Ambiental na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: pintodeila938@gmail.com.
[29] Indígena do povo Munduruku. Mestre em Ciências da Sociedade, professor na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: raimundo.afds@ufopa.edu.br.

EIXO 2

EDUCAÇÃO

RODADAS DE COMUNICAÇÕES

Cada comunicação tem até 10 minutos.
As perguntas acontecem no final de cada rodada.

Rodada 3: 12/11 (quinta-feira) - 8h30 às 9h40		
8h30	Educação indígena na escola e seus direitos	*Narlene, Keyla e Keri*
8h40	Educação escolar indígena nas aldeias Chapéu e Maharawanï	*Jean e Peme*
8h50	Educação escolar indígena na aldeia Ipaupixuna	*Taiane e Izawéllith*
9h00	Dificuldades dos estudantes bilíngues da FAIN	*Kátia e Marciely*
9h10	Ser mãe e estudante indígena na Ufopa	*Laiza, Silmara e Soraya*
9h20	**Perguntas e debate**	

EDUCAÇÃO INDÍGENA NA ESCOLA E SEUS DIREITOS

Narlene Akay Munduruku[30]
Keyla Akai Munduruku[31]
Keri Muniz Batista[32]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[33]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados da pesquisa realizada sobre a educação indígena na escola nas aldeias Posto Munduruku (Terra Indígena Munduruku, município de Jacareacanga), Fazendinha (Terra Indígena Munduruku, município de Jacareacanga) e Fortaleza (Terra Indígena Andirá-Marau, município de Aveiro). A pesquisa foi realizada ao longo da Formação Acadêmica Indígena (FAIN), em 2026, na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), e teve como objetivo registrar e divulgar como está sendo implementada a educação indígena nas escolas das aldeias mencionadas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores e funcionários das escolas e com anciões das aldeias. A comunicação será feita com auxílio de apresentação de slides.

PALAVRAS-CHAVE: Munduruku; Sateré-Mawé; Educação Escolar Indígena.

[30] Graduanda do curso de Pedagogia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: narleneakay3@gmail.com.
[31] Graduanda do curso de Letras – Libras (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: keylaakay@icloud.com.
[32] Indígena do povo Sateré-Mawé. Graduanda do curso de Direito (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: kerrimuniz30@gmail.com.
[33] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NAS ALDEIAS CHAPÉU E MAHARAWANÏ

Jean Musaku[34]
Peme Denise Tiriyó Kaxuyana[35]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[36]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados parciais do projeto "Implementação da educação escolar indígena nas aldeias Chapéu e Maharawanï", desenvolvido na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). A pesquisa tem como objetivo estudar como está sendo implementada a educação escolar indígena nas aldeias Chapéu e Maharawanï. Como as aldeias estão localizadas às margens do rio Katxuru (Cachorro), afluente da margem direita do rio Trombetas, na Terra Indígena Katxuyana Tunayana, no município de Oriximiná (PA), somente em uma delas foi possível fazer entrevista presencial. Na aldeia Chapéu, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma liderança. Na aldeia Maharawanï, foram feitas duas entrevistas semiestruturadas, de forma virtual, com o cacique e com um professor. A principal dificuldade foi o deslocamento até o território, custeado pelos próprios discentes. Apesar disso, foi possível reunir relatos e imagens que deram origem a uma apresentação de slides, utilizada nesta comunicação como resultado preliminar. O material reunido também será apresentado em um livro, para que essas histórias não permaneçam apenas na memória, mas também em registro escrito, acessível às comunidades e à universidade.

PALAVRAS-CHAVE: memória; Terra Indígena Katxuyana Tunayana; aldeias indígenas; Oriximiná.

[34] Indígena do povo Kaxuyana. Graduando do curso de Letras – Português (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: jjheyanj@gmail.com.
[35] Graduanda do curso de Turismo (IFII) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: denise.peme@gmail.com.
[36] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA IPAUPIXUNA

Taiane dos Santos Bezerra[37]
Izawéllith Guimarães Mota[38]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[39]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados da pesquisa "Implementação da educação escolar indígena na aldeia Ipaupixuna". A pesquisa foi realizada na aldeia Ipaupixuna, do povo Munduruku, localizada no Planalto Santareno, durante o mês de outubro de 2026, na Escola José Arlindo Betcel. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a gestora da escola, Suane Santos Gomes, e com o cacique Mariano. Durante a pesquisa, identificamos alguns desafios, como a adaptação dos professores à realidade indígena, a falta de materiais escolares e as dificuldades de armazenamento dos alimentos. Também foram destacados a importância da língua Munduruku e do Notório Saber, os conhecimentos tradicionais e a participação de doze famílias da aldeia no fornecimento de alimentos naturais para a merenda escolar. Os resultados da pesquisa serão apresentados em slides.

PALAVRAS-CHAVE: Planalto Santareno; alimentação escolar; escola indígena; Notório Saber.

[37] Indígena do povo Munduruku. Graduanda do curso de História (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: taianedossantosbezerra@gmail.com.
[38] Graduanda do curso de Geografia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: izawellithguimaraesmota@gmail.com.
[39] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ESTUDANTES BILÍNGUES DA FAIN

Kátia Maysa Soares Costa[40]
Marciely dos Reis Gomes[41]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[42]

RESUMO: Esta comunicação vai apresentar as principais dificuldades enfrentadas por estudantes indígenas bilíngues no ambiente universitário, especificamente pelos alunos da turma da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) 2026 da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O estudo buscou compreender os desafios relacionados à língua, à cultura, à adaptação ao ensino superior e às condições financeiras que podem influenciar o desenvolvimento acadêmico e a permanência dos estudantes na universidade. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com alguns discentes e a realidade dos estudantes foi registrada em vídeo. Os resultados serão apresentados em formato de vídeo.

PALAVRAS-CHAVE: ensino-aprendizagem; Ufopa; línguas indígenas.

[40] Indígena do povo Tapuia. Graduanda do curso de História (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: katiamaysasoarescosta@gmail.com.
[41] Graduanda do curso de Letras – Português (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: marcielyreis213@gmail.com.
[42] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

SER MÃE E ESTUDANTE INDÍGENA NA UFOPA: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA

Laiza Kaba Munduruku[43]
Silmara Akay Munduruku[44]
Soraya B. A. Wiui Munduruku[45]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[46]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos os resultados da pesquisa "Ser mãe e estudante indígena na Ufopa: experiências, desafios e estratégias de permanência", que desenvolvemos na Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Nosso objetivo foi dar visibilidade aos desafios, às estratégias de cuidado e às redes de apoio das mães Munduruku que estudam na Ufopa. Entre maio e agosto de 2026, conversamos com sete mães de cinco aldeias do Alto Tapajós. Os resultados mostram uma rotina de sobrecarga: as mães acordam muito cedo, cuidam da casa e dos filhos e só depois vão para a universidade, muitas vezes levando as crianças para a sala de aula. Longe da rede de mulheres da família que, na aldeia, divide o cuidado, elas contam sobretudo com parentes e colegas. A Afroteca ajuda, mas não atende bebês nem substitui uma creche. As mães propõem creches e berçários no campus, a melhoria do cuidado na Afroteca, uma sala de amamentação e um auxílio para estudantes mães. Esperamos que a pesquisa ajude a Ufopa a reconhecer a maternidade como uma questão de permanência das estudantes indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: mães indígenas; povo Munduruku; maternidade; permanência universitária; Ufopa.

[43] Graduanda do curso de Medicina (ISCO) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: layzakaba20@gmail.com.
[44] Graduanda do curso de Ciências Biológicas (ICTA) na Ufopa. E-mail: silmaraakai@gmail.com.
[45] Graduanda do curso de Zootecnia (Ibef) na Ufopa. E-mail: sorayaoyoysilva@gmail.com.
[46] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

EIXO 3

SAÚDE E BEM-ESTAR

RODADAS DE COMUNICAÇÕES

Cada comunicação tem até 10 minutos.
As perguntas acontecem no final de cada rodada.

Rodada 4: 12/11 (quinta-feira) - 10h00 às 11h00		
10h00	Saúde bucal na infância: aldeia Pinhél	*Wesley Cardoso da Silva*
10h10	Sabores Munduruku	*Dalva, Erenildo e Luciane*
10h20	Remédio tradicional Munduruku	*Feliciano, Adailton, Josimar e Cidomar*
10h30	Violência contra as mulheres indígenas	*Camila, Edileide, Raiana e Eloiza*
10h40	**Perguntas e debate**	

SAÚDE BUCAL NA INFÂNCIA: AÇÃO EDUCATIVA COM AS CRIANÇAS DA ESCOLA INDÍGENA KURASY KATU, ALDEIA PINHÉL

Wesley Cardoso da Silva[47]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[48]

RESUMO: Nesta comunicação, apresento uma proposta de ação educativa em saúde bucal voltada às crianças da Escola Municipal Indígena Kurasy Katu, na aldeia Pinhél, do povo Maytapu, às margens do rio Tapajós, no município de Aveiro (PA). A proposta nasceu do diálogo com lideranças e comunitários, que demonstraram preocupação com o consumo frequente de alimentos industrializados e açucarados pelas crianças e com os cuidados ainda insuficientes com os dentes. Como acadêmico em formação técnica em higiene bucal, proponho desenvolver momentos dialogados e participativos, com uma linguagem acessível às crianças. Nesses momentos, pretendo compartilhar orientações sobre a escovação correta, os cuidados diários com os dentes, a prevenção da cárie e de outras doenças bucais e a relação entre alimentação e saúde bucal. A proposta se apoia em Batista et al. (2007), que associam o consumo frequente de açúcar e a higiene oral inadequada ao aumento da cárie na infância. Com base nesse estudo, compreendo que a promoção da saúde bucal não se limita ao tratamento odontológico, pois depende também da construção de hábitos saudáveis desde cedo. Assim, busco fortalecer o autocuidado das crianças e envolver famílias e professores na prevenção das doenças bucais na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: saúde bucal; higiene oral; prevenção da cárie; povo Maytapu; aldeia Pinhél.

[47] Indígena do povo Maytapu. Graduando do curso de Química (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: wesleycardosodasilvacardoso@gmail.com.
[48] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

SABORES MUNDURUKU

Dalva Kirixi Munduruku[49]
Erenildo Boro Munduruku[50]
Luciane Saw Munduruku[51]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[52]

RESUMO: O nosso objetivo com este trabalho é apresentar o resultado preliminar de um levantamento das receitas tradicionais do povo Munduruku, registrando ingredientes, modos de preparo e os nomes das comidas em Munduruku e em português. Partimos da compreensão de que a alimentação indígena não é só uma necessidade biológica, mas também uma prática cultural, ligada à caça, à pesca, à coleta e à roça, e que exige conhecimentos profundos sobre a natureza. Os dados foram levantados a partir dos nossos próprios conhecimentos e de conversas com nossos familiares e pessoas mais velhas das aldeias Sai Cinza e Campinho Kadiriri, no Alto Tapajós (Jacareacanga-PA). Os resultados mostram que a nossa alimentação costuma ser mais natural, com poucos temperos industrializados: predominam sal, alho, cebola e cebolinha, e a pimenta é usada nas comidas prontas. Identificamos cinco grupos de alimentos: mingaus, sucos, beijus, peixes e carnes de caça. As receitas desses alimentos estão sendo reunidas em um livro. Com este trabalho, valorizamos os nossos saberes alimentares e reforçamos nossa identidade cultural e linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Alimentação Munduruku; Saberes tradicionais; Cultura indígena; Receitas tradicionais; FAIN/Ufopa.

[49] Graduanda do curso de Gestão Ambiental na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: dalvakirixi0@gmail.com.
[50] Graduando do curso de Geologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: borooerenildo@gmail.com.
[51] Graduanda do curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: lucianesawmunduruku@gmail.com.
[52] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

POSUG WUYBABIM AT MUNDURUKU
"REMÉDIO TRADICIONAL MUNDURUKU"

Feliciano Junior Akay[53]; Adailton Akay Munduruku[54]
Josimar Kirixi Munduruku[55]; Cidomar Kaba[56]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[57]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos o projeto "Posug wuybabim at Munduruku", que elaboramos na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), e o levantamento preliminar, que já fizemos, dos remédios caseiros usados pelas famílias Munduruku. Percebemos que muitos jovens já não aprendem esses saberes com os mais velhos e que os remédios industrializados vêm ocupando o lugar das práticas tradicionais. Por isso, nossa proposta é registrar quais remédios caseiros são usados pelo nosso povo, do que são feitos (plantas, cascas, raízes e outros), como são preparados e como e quando são usados. A pesquisa é qualitativa e parte dos nossos próprios conhecimentos como indígenas Munduruku, complementados por conversas com pajés, parteiras e outros conhecedores tradicionais. Ao final, pretendemos produzir, com a nossa orientadora, uma cartilha digital escrita somente na língua Munduruku, para fortalecer a nossa língua e a transmissão desses saberes entre as gerações.

PALAVRAS-CHAVE: povo Munduruku; remédios caseiros; plantas medicinais; medicina tradicional; língua Munduruku.

[53] Indígena do povo Munduruku. Graduando do curso de Engenharia Florestal (IBEF) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: felicianojuniorakay@gmail.com.
[54] Graduando do curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (IEG) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: adailtonakay75@gmail.com.
[55] Graduando do curso de Farmácia (ISCO) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [E-MAIL].
[56] Indígena do povo Munduruku. Graduando do curso de Informática Educacional (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: ciducimarkaba@gmail.com.
[57] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

PERSPECTIVAS ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES INDÍGENAS

Camila Lorena Castro dos Anjos[58]
Edileide dos Santos Castro[59]
Raiana Sousa Ferreira[60]
Eloiza M. C. Nascimento[61]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[62]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados parciais da pesquisa "Perspectivas acerca da violência contra mulheres indígenas do Baixo Tapajós". A pesquisa teve como objetivo compreender as percepções e vivências relacionadas à violência contra as mulheres indígenas a partir da experiência realizada na aldeia Takuara, do povo Munduruku, localizada no município de Belterra-PA, às margens do rio Tapajós. A metodologia contou com vivência na aldeia em 22 de agosto de 2026, com roda de conversa com mulheres, escuta ativa dos relatos, registros fotográficos e atividade com cartolinas e post-its para identificação das violências. Como resultados parciais, observou-se que o silenciamento das mulheres não indica ausência de violência, mas a falta de espaços seguros e protagonizados por elas, visto que as participantes demonstraram maior conforto em escrever do que em falar abertamente sobre suas vivências, o que evidencia a importância de metodologias participativas e sensíveis para o debate. A apresentação desta comunicação será feita por meio de banners e panfletos.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres indígenas; violência; aldeia Takuara; Baixo Tapajós.

[58] Indígena do povo Tapuia. Graduanda do curso de Direito (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: camilatapuiaa@gmail.com.
[59] Indígena do povo Tapajó. Graduanda do curso de Direito (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: edilleidycastro46@gmail.com.
[60] Indígena do povo Arara Vermelha. Graduanda do curso de Direito (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: raianasousa07@gmail.com.
[61] Indígena do povo Arapiun. Graduanda do curso de Geografia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: eloizanascimento124@icloud.com.
[62] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

EIXO 4

SABERES TRADICIONAIS

RODADAS DE COMUNICAÇÕES

Cada comunicação tem até 10 minutos.
As perguntas acontecem no final de cada rodada.

Rodada 5: 12/11 (quinta-feira) - 14h00 às 15h00		
14h00	Ponta de flecha Wai Wai	*Júnior Wai Wai*
14h10	Cantando a nossa cultura: um clipe musical	*Diemeson, Marcos, Marcos Aurélio, Odailson, Rayla e Samuel*
14h20	Grafismo do povo Jarakí	*Daniela, Marcos e Armstron*
14h30	Valorização do grafismo Munduruku do Planalto	*Fernanda Rocha Silva*
14h40	Grafismos corporais Munduruku	*Adilson e João Munduruku*
14h50	**Perguntas e debate**	
Rodada 6: 12/11 (quinta-feira) - 16h30 às 17h20		
16h30	Kwyrykango: a Festa da Mandioca	*Beíti Mekragnotire*
16h40	Wuyōhō Pucamʔat: nossos animais de estimação	*Isail e Isaque*
16h50	Herança que se usa no corpo: biojoias no Juá	*Thaís e Vívia*
17h00	O trançado de Paulo Caetano Kaba, artesão Munduruku	*Adriele Munduruku*
17h10	**Perguntas e debate**	

WAYWÎ POTURU (KMARAWETÎ/OKOMKÎRÎSSÎ) WAI WAI
"PONTA DE FLECHA WAI WAI"

Júnior Kumina Wai Wai[63]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[64]

RESUMO: Nesta comunicação, apresento a pesquisa *Waywî poturu (kmarawetî/okomkîrîssî) Wai Wai*, "Ponta de flecha Wai Wai", que desenvolvi nos *Projetos de ação nas aldeias* da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Sou da aldeia Mapuera, onde vivem cerca de dois mil indígenas de vários povos Karib, nas Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera, no noroeste do Pará. As flechas fazem parte da vida do meu povo e são usadas na caça de macacos, antas, onças e outros animais, mas os jovens não estão aprendendo os saberes ligados à confecção das pontas. Meu objetivo foi aprender com os mais velhos sobre esse saber tradicional. Nas férias de julho, acompanhei o trabalho do meu pai, Kumina Wai Wai, um dos especialistas mais velhos nesse saber, e de outros conhecedores Wai Wai, conversei com eles e fiz fotografias e filmagens. Dialoguei com Ribeiro (1970), Cunha (2007) e Soentgen e Hilbert (2016), que mostram a importância dos saberes indígenas sobre a natureza e as plantas. O resultado é o vídeo Kmarawetî Okomkîrîsî, de cerca de cinco minutos, que apresento nesta comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: povo Wai Wai; pontas de flecha; venenos; saberes tradicionais; aldeia Mapuera.

[63] Da aldeia Mapuera. Graduando do curso de Inteligência Artificial na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [E-MAIL].
[64] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

CANTANDO A NOSSA CULTURA: A CONSTRUÇÃO DE UM CLIPE MUSICAL

Diemeson Andrei C. dos Santos[65]; Marcos dos Santos Silva[66]
Marcos Aurélio de Oliveira[67]; Odailson dos Anjos da Silva[68]
Rayla Taise Colares Amorim[69]; Samuel Silva Gentil[70]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[71]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos o relato do projeto de ação "Cantando a nossa cultura: criação de clipe a partir de música autoral", que nós, seis estudantes dos povos Tupinambá e Kumaruara, de quatro aldeias do Baixo Tapajós, desenvolvemos na Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O projeto parte da música autoral "Guardiã do Povo Tupinambá", também chamada de "Guardiã das Águas", composta por Andrei Tupinambá, integrante da equipe, sobre a guardiã encantada que protege o povo Tupinambá. Elaboramos o roteiro, dividimos as tarefas e escolhemos a vila de Alter do Chão para as filmagens, feitas com celulares e editadas no aplicativo CapCut. Com uma vaquinha, conseguimos recursos para gravar a música em estúdio; a captação das imagens está em andamento. O maior aprendizado, até aqui, foi o trabalho coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: povo Tupinambá; clipe musical; seres encantados; Baixo Tapajós.

[65] Indígena do povo Tupinambá, da aldeia Jauarituba. Graduando do curso Interdisciplinar em Ciências Agrárias na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: andreyzinhosantoscaetano@gmail.com.
[66] Indígena do povo Kumaruara, da aldeia Suruacá. Graduando do curso de Gestão Ambiental na Ufopa. E-mail: markinhonaguita@gmail.com.
[67] Indígena do povo Tupinambá, da aldeia Jauarituba. Graduando do curso Interdisciplinar em Ciências da Terra na Ufopa. E-mail: marcosaurelioz92008@gmail.com.
[68] Indígena do povo Tupinambá, da aldeia Muratuba. Graduando do curso de Engenharia Sanitária e Ambiental na Ufopa. E-mail: odailsonanjossilva@gmail.com.
[69] Indígena do povo Kumaruara, da aldeia Suruacá. Graduanda do curso de Biotecnologia na Ufopa. E-mail: rayllataise@gmail.com.
[70] Indígena do povo Tupinambá, da comunidade Paraná Pixuna. Graduando do curso de Engenharia Florestal na Ufopa. E-mail: eeltonjhonsarmentolopes@gmail.com.
[71] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

GRAFISMO DO POVO JARAKÍ

Daniela Cristina Paulo da Silva[72]
Marcos Sousa da Silva[73]
Armstron Campos Oliveira[74]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[75]

RESUMO: Esta comunicação vai apresentar os resultados de uma pesquisa que objetivou valorizar e preservar a história, a memória e os conhecimentos tradicionais do povo Jarakí relacionados ao grafismo. Buscamos valorizar as narrativas orais para manter viva a cultura indígena. Por meio das histórias compartilhadas pelos mais velhos e dos saberes transmitidos de geração em geração, a arte do grafismo se mantém. Durante a pesquisa, registramos o processo de colheita do fruto, de preparo da tinta e de pintura corporal. A pesquisa foi feita no mês de julho, na aldeia Lagoa da Praia, localizada no rio Arapiuns, Terra Indígena Cobra Grande, no município de Santarém. Os resultados serão apresentados em formato de vídeo.

PALAVRAS-CHAVE: ancestralidade; narrativas orais; conhecimentos tradicionais; Terra Indígena Cobra Grande.

[72] Indígena do povo Munduruku. Graduanda do curso de Geografia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: daniella.stm591@gmail.com.
[73] Graduando do curso de Geografia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: sousamarcossilva2002@gmail.com.
[74] Graduando do curso de Ciência da Computação (IEG) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: armstroncamposoliveira@gmail.com.
[75] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

VALORIZAÇÃO DO GRAFISMO MUNDURUKU DO PLANALTO: UMA EXPERIÊNCIA NA ALDEIA IPAUPIXUNA

Fernanda Rocha Silva[76]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[77]

RESUMO: Nesta comunicação, apresento os resultados do projeto de ação "Valorização do grafismo Munduruku do Planalto", desenvolvido na Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O objetivo foi valorizar e preservar a história e os significados do grafismo do povo Munduruku, a partir das narrativas orais e dos saberes dos anciãos, transmitidos de geração em geração, para manter vivas a nossa cultura e a nossa ancestralidade. O projeto foi realizado na aldeia Ipaupixuna, localizada no Planalto Santareno, no município de Santarém, no Pará. Na Escola Indígena José Arlindo Betcel, realizamos oficinas com ritual de purificação, roda de conversa com anciãos e lideranças da aldeia, coleta e preparo do jenipapo e do carvão para a tinta, pintura corporal e desenho dos grafismos com seus nomes na língua materna. Como resultado, produzimos um catálogo de grafismos, que ficará na escola como material didático.

PALAVRAS-CHAVE: povo Munduruku; grafismo; pintura corporal; Planalto Santareno; aldeia Ipaupixuna.

[76] Indígena do povo Munduruku. Graduanda do curso de Pedagogia (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: fernandabetcel6@gmail.com.
[77] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

GRAFISMOS CORPORAIS MUNDURUKU MAIS USADOS EM NOSSAS ALDEIAS

Adilson Kirixi Munduruku[78]
João Kaba Munduruku[79]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[80]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos os resultados do projeto "Nossos traços: mapeamento dos grafismos do povo Munduruku", que elaboramos na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Para o povo Munduruku, os grafismos são uma forma de linguagem: pintados no corpo, mostram quem somos, em que fase da vida estamos e o que estamos vivendo. Percebemos, porém, que muitos jovens usam as pinturas sem conhecer o seu significado. Por isso, registramos os grafismos corporais mais usados em nossas aldeias, Karapanatuba, Ariramba e Akay Biwaybu, no Alto Tapajós (PA). A pesquisa é qualitativa: partimos do nosso próprio conhecimento e, no recesso de julho de 2026, conversamos com os mais velhos, as lideranças e os pajés das nossas comunidades. Como não houve festas nem rituais com pintura corporal nesse período, usamos imagens da internet de grafismos que os mais velhos reconheceram como os mais usados. Descrevemos nove grafismos, como o casco de jabuti, a piaba, o kurap, o pacuzinho, o cacho de buriti, a flecha e o morcego, que variam conforme o gênero, a fase da vida e o clã de quem os usa. Concluímos que a pintura corporal é uma linguagem viva e que registrá-la a partir da escuta dos mais velhos fortalece a nossa cultura entre as novas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: povo Munduruku; grafismo; pintura corporal; saberes tradicionais; Alto Tapajós.

[78] Indígena do povo Munduruku, da aldeia Karapanatuba, Alto Tapajós. Graduando do curso de Ciências Econômicas (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: adilsonkiriximunduruku@gmail.com.
[79] Indígena do povo Munduruku, da aldeia Ariramba, Alto Tapajós. Graduando do curso de Engenharia de Pesca (ICTA) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: joaokaba726@gmail.com.
[80] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

KWYRYKANGO: UMA EXPERIÊNCIA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO RITUAL DA FESTA DA MANDIOCA

Beíti Mekragnotire[81]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[82]

RESUMO: Nesta comunicação, apresento a experiência de produção do documentário *Kwyrykango*, sobre a Festa da Mandioca, um dos rituais mais importantes do povo Mebêngôkre-Kayapó. Desenvolvi o trabalho nos *Projetos de Ação nas Aldeias* da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), a partir da minha aldeia, Kamaú, na Terra Indígena Baú, às margens do rio Curuá, em Novo Progresso (PA). Kwyrykango quer dizer, ao pé da letra, "líquido da mandioca", nome da bebida de mandioca brava servida no fim da festa. Organizado por um casal da comunidade, os *krareremej* ("donos da festa"), o ritual pode durar até dois meses e reúne caça, pesca, pintura corporal, cantos, danças, partilha da comida e a entrega de novos nomes às crianças. Há 12 anos registro com o celular as manifestações culturais do meu povo. Para o documentário, organizei esse material, fiz novas filmagens na aldeia em julho de 2026, selecionei as imagens, elaborei o roteiro e as legendas e editei o vídeo pelo celular, com o apoio da minha orientadora e de um colega monitor. Nesta comunicação, apresento um trecho do documentário e conto o que aprendi: registrar o ritual com o meu próprio olhar é uma forma de guardar a memória do meu povo e de levar a nossa cultura aos jovens, que estão nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: povo Mebêngôkre-Kayapó; Kwyrykango; aldeia Kamaú; produção audiovisual; memória.

[81] Indígena do povo Mebêngôkre-Kayapó. Graduando do curso de Licenciatura em Matemática (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: beitimekragnotire@gmail.com.
[82] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

WUYŌHŌ PUCAMʔAT
"NOSSOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO"

Isail de Jesus Karo Munduruku[83]
Isaque Karo Munduruku[84]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[85]

RESUMO: Nesta comunicação, apresentamos o trabalho *Wuyōhō Pucamʔat*, que na língua Munduruku quer dizer "nossos animais de estimação". O nosso objetivo foi conhecer a relação das famílias da aldeia Waro Apompu, no rio Cururu, Alto Tapajós (PA), com os animais de estimação: quais animais vivem conosco, como chegam às nossas famílias, quais são as regras do nosso povo para criá-los e se podem ou não ser comidos. Procuramos estudos sobre o tema entre o povo Munduruku e não encontramos nenhum, pois esse saber vive na fala dos mais velhos. O trabalho nasceu na disciplina Introdução à Metodologia Científica da Formação Acadêmica Indígena (FAIN) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). A pesquisa é qualitativa e se aproxima da etnografia: não aplicamos questionário nem fizemos entrevistas gravadas; escrevemos o que vivemos, vimos e ouvimos em nossa casa e nas casas dos parentes, em diálogo com autores que estudam a relação dos povos indígenas com os animais. Os resultados mostram que os nossos animais de estimação vêm da floresta e do rio, como papagaios, araras, macacos, catitus, antas e tracajás, e que os papagaios da aldeia só falam Munduruku. Quem mais cuida dos animais são as crianças e os jovens. Registramos quatro regras do nosso povo: pedir licença aos seres da floresta, com um canto, antes de levar um filhote; nunca maltratar o animal; não criar cobra, onça, urubu, tamanduá e jacaré; e não comer animal de estimação. Concluímos que criar um animal é um compromisso com os seres da floresta e que aquilo que sabemos desde pequenos também é pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: povo Munduruku; animais de estimação; saberes tradicionais; língua Munduruku; aldeia Waro Apompu.

[83] Graduando do curso de Zootecnia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: isaildejesus21@gmail.com.
[84] Graduando do curso de Agronomia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: isaquekaro7@gmail.com.
[85] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

HERANÇA QUE SE USA NO CORPO: BIOJOIAS NO JUÁ, SANTARÉM-PA

Thaís de Sousa Farias[86]
Vívia Srallem Oliveira Silva[87]
Orientadora: Fernanda Folster de Paula[88]

RESUMO: Esta comunicação apresenta os resultados do projeto de ação "Herança que se usa no corpo: biojoias no Juá, Santarém-PA", realizado em abril de 2026: uma oficina de três dias no bairro do Juá, conduzida por uma artesã do povo Munduruku. Apresentamos um vídeo que mostra as atividades e seus resultados. A intenção do vídeo é mostrar que as biojoias vão muito além de simples adornos ou acessórios de moda, pois são a expressão viva dos conhecimentos tradicionais e da conexão profunda com o território. O vídeo destaca o papel fundamental desse artesanato na geração de renda e na autonomia das mulheres, além de valorizar a troca intergeracional, em que os saberes e práticas são repassados entre as gerações para manter a cultura sempre viva. Com isso, buscamos convidar o público a reconhecer e respeitar a riqueza, a história e o valor ancestral guardados em cada peça produzida.

PALAVRAS-CHAVE: artesanato; oficinas; geração de renda; ancestralidade.

[86] Indígena do povo Kumaruara. Graduanda do curso de Letras – Inglês (ICED) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: thaissousafarias31@gmail.com.
[87] Indígena do povo Borari. Graduanda do curso de Jornalismo (ICS) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: vixiborari235@gmail.com.
[88] Doutora em Sociologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: fernanda.paula@ufopa.edu.br.

O TRANÇADO DE PAULO CAETANO KABA, ARTESÃO MUNDURUKU

Adriele Caetano Kaba Munduruku[89]
Orientadora: Denize de Souza Carneiro[90]

RESUMO: Nesta comunicação, apresento o registro do trançado feito por meu pai, Paulo Caetano Kaba, artesão Munduruku da aldeia Kaburuá, na Terra Indígena Munduruku, em Jacareacanga (PA), que se dedica a essa arte há 26 anos. Minha motivação foi perceber que esse saber está cada vez mais restrito a poucas pessoas da comunidade, enquanto os jovens se afastam dele. Em julho de 2026, conversei de forma informal com meu pai enquanto ele fazia ou mostrava suas peças, e fotografei alguns artefatos. Dialoguei com Ribeiro (1985), que organiza os trançados pela forma como as talas se cruzam, e com Velthem (2006), que entende o trançado a partir do fazer, do adornar e do usar. Registrei seis artefatos: as cestas baray'a e yoba'a, o ico (paneiro feminino) e o wuyap (abano), feitos com talas do broto do tucumã (cojoda); o pagãko, espécie de jamaxi feito com folha de patauá (iwajo); e o dupidup, tipo de tupé feito com tala de babaçu (kosu). O registro mostrou que esse conhecimento é transmitido pelo convívio e pela prática, como resume meu pai: "aprendi olhando e praticando junto". Mostrou também a importância de continuar registrando e valorizando o trançado munduruku.

PALAVRAS-CHAVE: povo Munduruku; trançado; artesanato; saberes tradicionais; aldeia Kaburuá.

[89] Graduanda do curso de Saúde Coletiva (ISCO) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: adrielecaetano553@gmail.com.
[90] Doutora em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente da Formação Acadêmica Indígena (FAIN). E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.



REALIZAÇÃO

Formação Acadêmica Indígena (FAIN) – IFII/UFOPA

APOIO

PROGES • PROEN • PROCCE • PROPPIT

VII ComunicAÇÃO indígena

11 e 12 de novembro de 2026

Auditório Tapajós – Campus Tapajós
Santarém – PA